

**OS 30 ANOS DO GT HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: SUA CONTRIBUIÇÃO
PARA A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO**

Ester Buffa – UFSCar

PRÓLOGO

Oh! Mnemósine, deusa da memória, atenda a invocação que lhe faço agora, reconta-me os feitos maravilhosos destes professores/pesquisadores que encontraram na disseminação das luzes não apenas uma profissão, mas a arte e a graça maior de suas vidas. Não permita que eu mergulhe por inteira no rio *Lete*. Preserve-me do esquecimento, da infinitude, das sombras, das ausências e de seus perigos. Que minh'alma, prestes a reencarnar neste momento, não beba inteiramente as águas do rio evitando, assim, a desmemória. Oh! Deusa, mas recordar também é perigoso. Então, façamos um trato: como hoje é dia de comemoração, poupe-me das ausências, das sombras, das trevas e me conte tão somente as presenças, as luzes, as boas lembranças. Deixemos na penumbra, o desensino, o cansaço, as dificuldades, amarguras, desencantos, desânimos, desconsiderações, mesquinhas especialmente as que provêm daqueles que não aprenderam nenhuma lição na escola e nem mesmo fora dela. Apelo para suas filhas, as musas, que não me abandonem neste momento em que quero narrar, cantar e dançar os feitos heroicos deste grupo de estudiosos. Que eu possa alcançar a verdade no sentido que lhe davam os gregos: a *alétheia*, ou seja, o não esquecimento.

Felizmente, como vivo no tempo da palavra escrita, não dependo das histórias cantadas pelo aedo, mas tenho acesso a toda sorte de documentos e estudos devidamente grafados. Desta forma, posso utilizar tais fontes e, ao mesmo tempo, dar, talvez, um colorido com minha memória deste grupo que vi nascer e crescer. Mais uma vez: memória é presença e ausência, luz e sombras, lembrança e esquecimento.

Ao começar o texto com este prólogo, para além de uma intenção poética, quero dizer que esta incumbência do GT me é muito cara, no duplo sentido da palavra: querida e custosa. Custosa, porque difícil e de responsabilidade. Trato de tempos e, principalmente, de amigos por quem sinto genuíno afeto: alguns partiram e de outros quase não tenho notícias. Foi sofrido relembrar acontecimentos, alegres e tristes, que marcaram minha vida acadêmica, desde o início. Meu corpo que o diga. Fui contida e delicada, como sempre. Mas, não pude deixar de fazer algumas análises que me

pareceram pertinentes, neste mundo acadêmico, que é, como bem o sabemos, uma fogueira de vaidades.

1. Breve histórico do GT-HE

O primeiro Boletim publicado pela ANPEd noticia a criação da então denominada Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, em março de 1978, “uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que congrega instituições e profissionais do campo da educação, em nível de pós-graduação, com a finalidade de promover o desenvolvimento do ensino e da pesquisa” (Boletim bimestral, vol.1, no.1, jan.fev. 1979, p.1). O termo pesquisa foi, posteriormente, incluído no nome da associação sem que sua sigla fosse alterada.

Em 1981, na quarta Reunião Anual realizada em Belo Horizonte, na presidência de Glaura Vasques Miranda, foram instituídos os Grupos de Trabalho (GTs) com o objetivo de constituírem um lócus de discussão e troca de opiniões sobre resultados de pesquisas realizadas, seleção de problemas relevantes, experiências metodológicas, intercâmbio de informações bibliográficas, de estudos e trabalhos realizados. (Boletim ANPEd, v. 8, no. 1, jan.mar. 1986, p. 2). Nesta reunião, foram criados 8 Gts, instalados na Reunião Anual seguinte que se realizou no Rio de Janeiro, onde houve a proposta de criação de mais 3 GTs. De início, a própria Secretaria Geral encarregou-se de indicar os coordenadores utilizando o critério de “renomada experiência em pesquisa e trabalhos desenvolvidos nos temas”. Após a consolidação, os membros de cada grupo passariam a escolher seu coordenador. (id. *ibid.*)

Para aqueles cuja memória da ANPEd é mais recente, dos tempos em que a Reunião Anual acontecia em Caxambu e depois, com um número extraordinário de congressistas, talvez fique difícil imaginar como era a ANPEd dos primeiros tempos. Tratava-se de um pequeno grupo composto, basicamente, por professores/pesquisadores do ensino superior atuando na pós-graduação. Por sua vez, os Programas de Pós-Graduação em Educação eram em número muito reduzido, uns 3 ou 4 doutorados e uns poucos mestrados. Ousaria afirmar que, hoje, o GT de História da Educação é bem maior, em número de participantes do que a ANPEd de então. Lembro-me, muito bem que os participantes da 5ª. Reunião, ocorrida no Rio de Janeiro em 1982, coubemos todos num hotel que nem era grande. Talvez por ser pequeno, por ser infante, ou talvez devido ao meu olhar jovem, a atmosfera das reuniões parecia, a mim, amigável, amena, prazerosa.

De alguma forma, os começos são sempre promissores, ainda mais que vivíamos, nessa época, sob o autoritarismo dos governos militares a espalhar medo e horror, a anestesiar as consciências, sobretudo as das novas gerações que recebiam uma escolarização absolutamente despolitizada. Considero este, um dos resultados mais nefastos, deste período.

Em 1984, na sétima Reunião Anual que se realizou em Brasília, foi criado o GT de História da Educação por proposta de Luiz Antonio Cunha. O pequeno grupo que se reuniu numa das salas da UNB era composto pelos seguintes professores/pesquisadores: Maria Márcia Leporace Farret, Zuleide Araújo Teixeira, Eva Pereira, Lucia Rocha (todos de Brasília), Manoel Francisco de Vasconcelos Motta (Mato Grosso), Clarice Nunes, José Silvério Bahia Horta (ambos do Rio de Janeiro) e Ester Buffa (UFSCar/SP) a quem foi atribuída a coordenação. Neste primeiro ano do GT-HE, os esforços foram no sentido da ampliação do grupo. Os participantes presentes deveriam indicar nomes de possíveis interessados em integrar o GT. A coordenadora encaminhou correspondência às pessoas sugeridas pelos membros do GT convidando-os a se associarem à ANPEd e a integrarem o GT. Guardo, até hoje, cópia desta correspondência, salva da destruição, nas limpezas que, de vez em quando, fazemos nos nossos papeis. À época, havia 4 GTs em funcionamento. Atualmente, são 23.

Em 30 anos, como se sabe, a comunicação entre as pessoas melhorou significativamente graças aos avanços tecnológicos. Nessa época, contávamos com os Correios, que haviam progredido muito nos governos militares e com serviços, precários e caros, de telefonia. Outra tarefa urgente do GT era definir seus objetivos, seu *modus operandi* e suas prioridades. No primeiro relatório do GT escrito pela então coordenadora Ester Buffa e publicado no Boletim v.8, no.1, de jan-mar de 1986, o grupo propôs-se a tarefas que pareciam simples, mas que se revelaram difíceis de realizar. Parecia aos integrantes do GT (cerca de 30 na Reunião de 1986) que a questão metodológica do ensino e da pesquisa em História da Educação fosse prioritária. Como as fontes de pesquisa constituem um dos itens da questão metodológica, pensou em começar a constituir um arquivo de fontes, uma bibliografia básica em HE no Brasil, como um primeiro e importante passo, o que logo se revelou inviável. Na Reunião de 1985, realizada em São Paulo, conforme ainda este primeiro Relatório, o GT-HE atribuiu-se “a função de troca de experiências e de discussão das produções científicas de seus participantes”, que geralmente estavam ligadas às suas teses de doutorado. Nos primeiros eventos do GT, adotou-se o modelo de realização de Painéis, com um

expositor de um tema e dois debatedores. Esta sistemática teve o primeiro Painel intitulado História da educação ou educação pela história, cuja expositora foi a professora da UFMG, Eliane Marta Teixeira Lopes e como debatedores Miguel Arroyo, também da UFMG e Ester Buffa, da UFSCar/SP.. O texto de Eliane Marta e o de Ester Buffa foram publicados no primeiro número do periódico **Educação em Revista**, da UFMG.

O tema deste Painel era indício de um debate que despontava no campo da história da educação. Na expressão história da educação qual das palavras é o substantivo, isto é, onde o pesquisador colocará o foco, na educação ou na história? Havia defensores de ambas as posições. Quando se coloca a ênfase no termo educação, a história aparece como uma perspectiva, uma ciência fonte da educação. Quando se coloca o foco na história, a educação aparece como uma especialização da história. Na verdade, como bem mostrou Miriam Warde, num artigo publicado em 1990, no Em Aberto, a disciplina história da educação

não se instituiu a partir de um movimento interno da História e não foi a ela incorporada. A gênese e o desenvolvimento da História da educação estão no campo da educação, do qual ela foi convertida em **enfoque**, em **abordagem**. Assim, **efetivamente**, a História da Educação não se configura como uma especialização temática da História, mas uma ciência da educação ou uma ciência auxiliar da educação. (p.6).

Em seguida, Miriam Warde afirma que, no Brasil, o processo de inclusão da História da Educação entre as ciências da educação foi peculiar. Tanto a História como a Filosofia da Educação, incorporadas nos currículos dos cursos Normais e da Pedagogia, a partir dos anos 1930, o foram não propriamente como ciências da educação, mas como disciplinas formadoras, isto é, ambas deveriam tratar do dever ser educacional, dos valores humanos mais elevados, conhecimentos imprescindíveis aos futuros professores. De sua origem e desenvolvimento, a História da Educação manteve esta marca, a de ser útil, cuja eficácia é medida não pelo que pode explicar dos processos históricos da educação, porém pelo que oferece de justificativas para o presente (p.7).

Não creio que nos inícios do GT-HE, eu tivesse toda esta clareza de pensamento. O fato é que era possível observar no GT o esforço de alguns de seus membros de acentuar o termo História e proceder, no estudo da educação, de acordo com suas teorias, metodologias e fontes. Assim, o historiador da educação exerceria, antes de tudo, o ofício de historiador. Isto não era nada fácil para os integrantes do GT

da época, formados, em sua maioria, pelos cursos de Pedagogia. Havia ainda outra dificuldade: os historiadores de ofício tinham para pesquisar objetos considerados mais nobres e pouco se importavam com a educação, considerada coisa de mulher, de professora primária. Sabemos que o estudo da educação não é um objeto prestigiado.

Durante as coordenações de Clarice Nunes e Guacira Louro enveredou-se nesta direção, isto é, a de considerar a disciplina história da educação como uma especialização da história. Mais ainda, penso que em nome de um combate ao positivismo e também ao materialismo histórico (que não eram assim declinados) e por influência da Escola dos *Annales*, deixou-se de lado a preocupação em compreender a educação no todo social e foi-se priorizando o estudo de objetos singulares. Em seguida, seria a vez de a história cultural exercer hegemonia no GT. Voltaremos a estas questões.

O fato é que o GT- HE crescia e gozava de um prestígio cada vez maior. Se no início, poucos eram os trabalhos apresentados, porque pequeno era o grupo, com o tempo foi preciso organizar novas formas de funcionamento do GT, de todos os GTs, nas Reuniões Anuais. Já há algum tempo, encontrou-se uma forma que contempla trabalhos encomendados, apresentação de trabalhos inscritos e avaliados por um comitê científico (a partir de 1992) após avaliação de consultores ad hoc designados pelos GTs. e pôsteres. Em 1986, apenas dois anos após sua criação o GT-HE já contava com 30 participantes. A última Reunião, em 2013, contou com 157 participações. De 1985 a 2013, foram apresentados 258 trabalhos e 103 pôsteres. Estas e outras informações encontrei no competente texto da atual coordenadora do GT-HE, Maria Helena Câmara Bastos, intitulado Grupo de Trabalho História da Educação da ANPEd: uma breve história que figura no site da ANPEd.

Além destas atividades, o GT-HE ofereceu minicursos, realizou exposições temáticas, publicou estudos e pesquisas, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. A primeira publicação do GT foi o no. 2 dos Cadernos ANPEd, em 1989, intitulado: Diretrizes e Bases da Educação: o nacional e o regional na história da educação Brasileira com artigos de Clarice Nunes (org.), Ester Buffa, Guacira Lopes Louro, José Silvério Bahia Horta e Marta Maria Chagas de Carvalho.

Teve origem no GT o Congresso Luso Brasileiro de História da Educação e integrantes do GT participam da comissão organizadora e do comitê científico nacional do evento. O GT também participou ativamente da criação da Sociedade Brasileira de História da Educação em 1999 que, como sabemos, organiza congressos e publica um periódico importante. Muito frutíferos foram alguns estágios de intercâmbio organizado

pelo GT e patrocinados por agências financiadoras proporcionando a discussão de temas específicos.

Como escreveu Marta Carvalho, o GT-HE tornou-se “um fórum permanente de discussão das questões de história da educação” oferecendo uma oportunidade importante para que pesquisadores de todas as regiões do país se reunissem e discutissem suas pesquisas. A nova produção historiográfica elaborada no interior dos inúmeros Programas de Pós-Graduação em Educação espalhados pelo país era posta em circulação, agora muito facilitada pela informática. O GT-HE tornou-se assim “uma caixa de ressonância da produção saída das universidades”. Seu papel na constituição do campo da História da educação no Brasil é inegável (CARVALHO, M. 2000. In: Catani e Faria Filho, 2002, p. 3-4)..

Dispensar-me de apresentar dados mais detalhados como, por exemplo, os nomes dos sucessivos coordenadores do GT, o número de trabalhos apresentados, dos minicursos oferecidos, da relação dos estágios de intercâmbio e outros porque este trabalho já foi muito bem feito por Maria Helena Câmara Bastos no texto citado que figura no Portal da ANPEd.

2. Os estudos já realizados sobre a produção do GT-HE

Considero que um balanço dos estudos apresentados e discutidos no GT-HE já foi feito, e muito bem feito, em, pelo menos, três artigos. Por ordem cronológica de publicação, são os seguintes:

1. o de Denice Bárbara Catani e de Luciano Mendes Faria Filho, intitulado Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas pelo GT História da Educação da ANPED (1985-2000), publicado no número 19 da **Revista Brasileira de Educação**, de janeiro a abril de 2002, com 21 páginas.
2. o de Diana Gonçalves Vidal e Luciano Mendes Faria Filho intitulado História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970), publicado no volume 23, número 45 da **Revista Brasileira de História** de julho de 2003, com 29 páginas.
3. o de Marisa Bittar intitulado O estado da arte em História da Educação brasileira após 1985: um campo em disputa, publicado no site do HISTEdBR, Campinas, 2006, com 24 páginas.

Estes artigos revelam a importante função investigativa que o GT realizou durante sua existência redundando na configuração e constituição da identidade deste campo. Vou retomar estes estudos detendo-me nas suas análises e conclusões que me parecem relevantes para a compreensão da história do GT e, conseqüentemente, da própria história da educação brasileira.

Conforme informam no resumo de seu artigo, Catani e Faria Filho analisaram as características da produção divulgada pelo GT de História da Educação, de 1985 a 2000, bem como o processo de constituição do GT como um “lugar de produção” da pesquisa histórico-educacional brasileira. Mostram-no como um espaço de debate teórico-metodológico e de surgimento e fortalecimento de novas perspectivas de investigação. Dos 223 trabalhos efetivamente apresentados no período, os autores tiveram acesso a 187, um número expressivo. A partir do exame deste material, considerando o crescimento quantitativo de participação dos pesquisadores e as características da produção divulgada, identificam dois momentos distintos na história do grupo, tendo o ano de 1990 como marco divisor. O primeiro momento abrange o período de 1984 a 1989 e o segundo, de 1990 em diante (p.3)

Baseados nos Relatórios dos coordenadores do GT de cada Reunião Anual, os autores afirmam, em síntese, que, ao final da década de 1980, o GT-HE que rapidamente crescera já se constituía um lócus de produção da história da educação brasileira e dele participavam pesquisadores dos principais Programas de Pós-Graduação em Educação do país. Os trabalhos apresentados e discutidos não foram muitos, porém o esforço para a consolidação do grupo foi enorme. Neste primeiro momento, o GT empenhou-se em favorecer o debate das pesquisas em suas dimensões teórico-metodológicas, principalmente no que diz respeito à organização de fontes de investigação. Grande parte dos trabalhos apresentados relaciona-se às teses de doutorado realizadas nos anos 1980. Concluem afirmando que, nesta primeira fase, havia não só uma diversificação temática, mas também uma diversidade de referenciais (p. 4). A meu ver, a diversificação epistemológica e temática perpassou toda a história do GT-HE.

Para justificar o segundo momento na evolução do GT que tem como ponto de inflexão o ano de 1990, Catani e Faria Filho utilizaram o Relatório das atividades do GT da 13ª. Reunião Anual, 1990, escrito pela então coordenadora Clarice Nunes. Para Nunes nessa Reunião aconteceram dois movimentos muito significativos. Um deles

refere-se a uma mudança de atitude, isto é, apesar de os integrantes do GT não terem formação superior em História, não se envergonham mais em fazer história. Ou seja, abraçam, com maior clareza, as lutas da história da educação dentro da história (processo/disciplina). O segundo movimento consiste no direcionamento da ação devido à renovação da interpretação histórica, seja considerando antigas temáticas, seja procurando construir novos objetos. Considero estas afirmações de Nunes um tanto eufóricas próprias de quem pensa que venceu se não a guerra, ao menos uma batalha: a de firmar, para os educadores, a história da educação como especialização da história. Os historiadores de ofício, parece-me, sequer se preocupavam com estas questões. Catani e Faria Filho aderiram apressadamente à afirmação de Nunes de que a Reunião de 1990 teria sido um divisor de águas (p.8).

Em seguida, Catani e Faria Filho empreendendo uma análise quantitativa da bibliografia dos trabalhos apresentados entre 1984 e 2000, mostraram que os autores mais citados foram P. Bourdieu, R. Chartier, M. Foucault, J. Le Goff, M. de Certeau e K. Marx o que, sem dúvida, revela uma diversidade de referenciais teóricos que iam sendo incorporados pelos historiadores da educação (p. 17).

A partir deste ponto, Catani e Faria Filho prosseguem considerando o relatório do GT em cada Reunião Anual até o ano de 2000, mostrando o crescimento quantitativo do Grupo, o aumento do número de trabalhos apresentados, suas relações com outros GTs, a organização de minicursos, de estágios de intercâmbio, de publicações, de organização de exposições, de relações com pesquisadores e grupos de outros países, isto é, sua internacionalização, os temas presentes e emergentes dos trabalhos, o período abordado. Entre os temas aparecem como recorrentes os ligados à chamada Nova História e da história cultural, como, por exemplo, a pesquisa das questões de gênero, da história da leitura e dos impressos, das disciplinas e dos livros didáticos etc. Em suma, o que se percebe é a explosão dos temas e objetos de pesquisa em história da educação nos anos 1990, possibilitada por novos aportes teórico-metodológicos dos quais os pesquisadores da área se apropriaram (p.15).

O relevante e muito bem elaborado texto de Catani e Faria Filho não conseguiu, no entanto, me convencer da propriedade da distinção de duas fases distintas na história do GT, tendo por dobradiça, a sétima reunião do GT. Como afirmei, estes autores acataram a leitura feita por Nunes que é apenas uma das leituras possíveis do que aconteceu no GT na Reunião de 1990. Para mim, esta história foi sendo construída pelos seus integrantes, alguns, sem dúvida, mais assíduos, batalhadores, impositivos que

sofriam diferentes influências intelectuais vindas de outro continente e também da própria, tão desejada, disciplina mãe, a história. Além disso, em que pesem as muitas qualidades do artigo, lamento que seus autores tenham ficado apenas numa análise interna do GT. Nenhuma menção ao que acontecia no Brasil e no mundo que suscitavam temas e questões a serem compreendidas: o fim do regime militar, a redemocratização do país, a proposta de uma nova LDB, a queda do muro de Berlim que mostrava o fracasso do chamado socialismo real. Havia teorias pedagógicas que sepultavam o sonho do liberalismo pedagógico - as luzes combatendo as trevas; havia as que mostravam a escola como reprodutora da sociedade, conseqüentemente, das desigualdades sociais. Muita euforia, mas também muito desencanto.

Assim, os problemas teórico-metodológicos estiveram, durante todo o período, na ordem do dia. Compreender os processos históricos que deram origem e sustentação à nossa educação, à nossa escola, sem dúvida era importante. Mas, era preciso também, compreendê-los inseridos nos processos históricos societários. Com que aportes teóricos? Essa discussão era fundamental. A enorme dificuldade de compreender o real nos levava, muitas vezes, a nos contentarmos em estudar o singular, o pontual, perdendo de vista sua relação com o universal. Penso que o GT caminhou muito mais nesta segunda direção, com competência, é verdade. Muitas vezes, as questões teórico-metodológicas foram reduzidas à questão das fontes de investigação, sem dúvida importante, porém insuficiente.

O segundo texto, precioso, de autoria de Diana Vidal e Luciano Faria Filho, como indica o título, dedica-se a retratar a constituição do campo da história da educação no Brasil a partir de dois prismas. No primeiro, os autores elaboram um histórico da disciplina considerando suas três vertentes: a da tradição historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), a das escolas de formação do magistério - escolas normais e pedagogia - e a da produção acadêmica entre 1940 e 1970. Pelo segundo prisma, tratam do trabalho realizado nos últimos 20 anos (até 2003, ano da publicação do artigo), pontuando temas e períodos de interesse investigativo e os suportes teóricos mais recorrentes.

Como se percebe, trata-se de um texto que ultrapassa a atuação do GT-HE que, no entanto, aparece quando tratam do segundo momento, ocasião em que há uma forte aproximação entre a pesquisa nos Programas de Pós-Graduação e o próprio GT da ANPED. Os autores afirmam que na criação dos Programas de Pós-Graduação em

Educação, em fins de 1960 e 1970, ocorreu uma forte aproximação entre história e filosofia (que já existira anteriormente), mas, agora a partir de um referencial teórico marxista por meio de Althusser (1960-70) e depois, por meio de Gramsci (1970-80). Citam João Carlos Barreira, para quem os aspectos que mais chamavam atenção na produção inicial dos programas de pós-graduação “eram a abordagem dialética associada ao veio histórico da dependência, a importância metodológica atribuída ao contexto e o peso exercido pelas determinações econômicas”. (p.17). No meu entendimento e memória, isto ocorria, de fato, nos Programas de Pós-Graduação em Educação, mesmo assim, em alguns deles, mas não reverberava tanto no GT-HE.

Para os autores, o GT-HE criado, em 1984, no interior da principal instituição científica da área, a ANPEd, utilizando muito positivamente deste lugar e do apoio auferido, tornou-se, rapidamente, o principal espaço nacional de aglutinação de pesquisadores, de crítica historiográfica e de difusão de novos horizontes de investigação na área, como a história das mentalidades, o pós-estruturalismo e a história cultural, influenciando vários centros de ensino e pesquisa brasileiros (p. 17).

Os autores mencionam, ainda, como importante protagonista do campo, o HISTEdBR criado em 1986, com sede na Unicamp, que articulava mais de duas dezenas de grupos em quase todos os Estados brasileiros e realizava reuniões periódicas para debater suas pesquisas. Afirmam que, de acordo com o coordenador geral do HISTEdBR, Dermeval Saviani, em conferência pronunciada no IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, ocorrido em 1997, o grupo “surgiu como sugere o seu nome, com a preocupação de investigar a História da Educação pela mediação da Sociedade, o que indica a busca de uma compreensão global da educação e de seu desenvolvimento. Contrapunha-se, pois, à tendência que começava a invadir o campo da historiografia educacional” (p.18). Tal tendência, segundo Vidal e Faria Filho, é, nas produções do grupo, constantemente associada ao paradigma pós-moderno e à história cultural e sua recusa afirma um **viés** (grifo meu) marxista de análise histórica. Pela primeira e talvez única vez (porque depois este debate foi praticamente silenciado no GT) reconheceu-se que, no campo da história da educação brasileira, havia dois grupos distintos, ambos significativos, que usavam em suas análises, referenciais teórico-metodológicos opostos. Ninguém precisa aceitar ou gostar de determinada teoria, mas, o uso o termo viés para designar uma teoria, revela uma leitura ideológica. No mínimo equivale a chamar uma língua, de dialeto.

Neste momento, não quero polemizar, menos ainda fazer declarações de fé que

no quadro atual do mundo e do Brasil e da minha própria vida, nem tenho. Apenas quero lembrar que esta é uma característica do campo, tal como o entende P. Bourdieu: uma luta renhida por posições. O campo é sempre um campo de Ares. Aliás, os autores reconhecem isto ao final do artigo. Retomando Michel de Certeau, escrevem, lindamente, um alerta (p.19):

Michel de Certeau, ao discorrer sobre a *operação historiográfica*, sugere a existência de um conjunto (por vezes tácito) de regras de enunciação no campo, constituídas por e constituintes de um corpo de sujeitos que nele transitam. Forçoso é então assumir que, partícipes da construção da disciplina História da Educação, nós, os autores, somos, nos momentos mais recentes, sujeitos e objetos desta narrativa. E, mais do que isso, que as fontes que utilizamos são, elas também, peças do jogo político que institui a memória (e produz o esquecimento) nas constantes *lutas de representação* travadas no interior do campo.

Assim, com uma análise mais abrangente, os autores conseguem chegar a certas compreensões, impossíveis de serem feitas sem uma visão societária global.

Finalmente, o terceiro texto em que nos baseamos para realizar um balanço dos estudos e pesquisas do GT, é o de Marisa Bittar que enfoca o estado da arte da História da Educação brasileira após 1985, caracterizando-a como um campo em disputa. Desta forma, trata primeiramente do contexto histórico-acadêmico em que se insere a pesquisa e a produção em História da Educação. De uma parte, os traços históricos fundamentais da época: no plano nacional, o fim da ditadura militar, a construção do estado de direito democrático e as novas contradições inerentes à sociedade brasileira que se reorganizava nos marcos de um capitalismo urbano-industrial; no âmbito internacional, a queda do muro de Berlim, o fim da União Soviética e a mundialização do capital que decretaram a derrocada do socialismo real. De outra parte, a consequência destes fatos no campo epistemológico, a chamada crise dos paradigmas. Estes fatores interligados formam a tela de fundo da produção acadêmica do período e sobre o período. Além disso, um fator intrínseco do campo universitário o distinguirá dos períodos anteriores. Trata-se da multiplicidade, complexidade e variedade da produção científica oriunda dos Programas de Pós-Graduação, cujos primeiros frutos apareceram antes de 1980 (p. 12).

Bittar cita alguns estudos como os de Silvio Gamboa, Mirian Warde, Sanfelice que, ao analisarem a produção acadêmica dos PPGes, mostram que desde o final dos anos 1970 e na década de 1980, havia uma variedade de abordagens teóricas, com

expressiva influência do materialismo histórico. Muitas dissertações e teses passaram a criticar a política educacional da ditadura, oriunda do autoritarismo e da teoria do capital humano, pela teoria marxista, a mais censurada pelo regime militar. Num primeiro momento, esta crítica foi realizada pela teoria reprodutivista que inscrevia a escola no conjunto das relações capitalistas e também desnudou a crença ingênua de que a escola pudesse ser o veículo das transformações sociais (p.5).

Neste ponto, Marisa Bittar retoma estudos de Mirian Warde, Luiz Antonio Cunha, Pedro Goergen, José Luiz Sanfelice sobre a qualidade da produção acadêmica apontando graves problemas. Eles não estão se referindo ao GT-HE, porém como neste estava presente, majoritariamente, a produção realizada na pós-graduação, suas críticas são pertinentes também ao que ocorre no GT. Em síntese, marcam esta produção: pobreza teórica e inconsistência metodológica, contraposição entre pesquisa empírica e teórica, pesquisa dialética e positivista, quantitativa e qualitativa. Além disto, afirmam que, apesar de novos temas terem surgido em decorrência das novas abordagens, boa parte dos trabalhos incidia sobre temas irrelevantes e pouco significativos. Sanfelice, por sua vez, manifestou desconforto com “certa indução a uma novidade aparentemente vantajosa para a historiografia educacional brasileira, indução a uma forma de fazer historiografia, mas sem a explicitação dos fundamentos filosóficos, epistemológicos ou ideológicos deste novo posicionamento”. Enfatizou que “aderir ao ‘novo’, divulgar o ‘novo’, sem ter o domínio crítico epistemológico do ‘velho’ que estaria sendo superado pode ser descaso, ingenuidade ou mesmo intencionalmente a opção por outros interesses. É, sem dúvida, uma postura novidadeira” (p. 6,7).

Bittar prossegue sua análise mostrando que se tal postura se difundia na História da Educação, era porque o mesmo problema atravessava o campo da pesquisa em História, como já haviam mostrado Ciro Flamarion Cardoso em 1995 e Luis Felipe de Alencastro, em 1994, para quem houve um mal entendido muito grande quando se incorporaram, acriticamente, as novas tendências francesas para a nossa historiografia. Ele alude à perda da tradição das grandes obras de interpretação do Brasil, afirmando que, no Brasil, houve uma interpretação equivocada da *École des Annales* e do que é chamada Nova História francesa, pois, na França, a discussão acontece tendo por retaguarda uma historiografia bem estabelecida, um ensino de história muito eficaz no secundário e nas universidades e uma história positivista muito bem sedimentada, com datas, personagens etc. De acordo com Alencastro, quando a *École des Annales* começou a combater isso, já antes da Segunda Grande Guerra, ninguém pensou, como

se fez aqui, que as datas não tinham a menor importância. Além disso, nenhum destes historiadores franceses como J. Le Goff, Duby e outros é só especialista em mentalidades. São também especialistas em história econômica, política, esta é sua base. Desconsiderando isto, no Brasil se perdeu a ideia de “última instância”. O historiador estabeleceu uma equivalência de fatores e sua análise se descompromissou inteiramente de arbitrar uma hierarquia entre eles (Alencastro in Bittar, p.8,9).

Bittar finaliza a análise contextual sinalizando para a inflexão deste panorama irracionalista, ao final dos anos 1990. De um lado, devido ao fracasso da expectativa de que a “globalização” seria um remédio para os males do capitalismo; de outro, porque os chamados novos paradigmas não conseguiram firmar um estatuto epistemológico próprio. Isto significa que o processo acelerado do desenvolvimento das forças produtivas (ciência e tecnologia aplicadas à produção) implicou numa separação entre filosofia e ciência. Este processo, iniciado com a Revolução Industrial do século XIX, se acentuou ainda mais nos últimos decênios do século XX, a ponto de fragmentar o conhecimento a tal nível que cada ciência produzia a sua própria “epistemologia”, criando, assim, uma situação fecunda para o que se convencionou chamar de “pós-modernidade”. Ou seja, perdeu-se, ao longo do século XX, a importância das epistemologias que haviam sido engendradas pelos sistemas filosóficos que objetivavam a ideia de totalidade (p. 9,10).

Em seguida, Bittar enfoca o estado da arte da produção em HE, considerando três lugares desta produção: o GT/ANPED de História da Educação (1984), o HISTEdBR (1986) e, por fim, a Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE- (1999). Considerarei apenas suas observações a respeito da produção do GT-HE, relativa ao período de 2000 a 2005. A autora apresenta as informações de cada reunião anual do GT, focalizando os temas dos trabalhos apresentados, os períodos estudados, as fontes utilizadas. Analisa os dados coletados da produção do GT-HE, no período, sob três pontos de vista: a presença do período histórico posterior a 1985; os temas mais recorrentes e o referencial teórico metodológico adotado nas pesquisas. Mostra, inicialmente, que o período posterior a 1985 é quase ausente das pesquisas em HE, embora muito presente em outros Gts. No GT-HE, o período mais investigado é a primeira metade do século XX (p.16). Os temas mais frequentemente pesquisados apresentados nestas Reuniões Anuais foram: Escola Nova, gênero, infância, profissão docente, memória, discursos, imagens, leitura. Com relação ao referencial teórico-metodológico presente nessa produção, um traço comum é a influência das ideias pós-

modernas. Afirma que tal aspecto está presente em todo o campo, embora em alguns âmbitos mais do que em outros. A autora apresenta uma explicação, a de que o período pós-1985 foi marcado pela investida contra os “velhos esquemas interpretativos” que condenou certos temas ao esquecimento e elegeu outros, mais pontuais, que despertaram maior atenção dos estudiosos. Afirma, apoiada em Ciro Flamarion Cardoso, que a consequência para a História da Educação foi a de que, com a postura pós-moderna, determinados assuntos sumiram das pesquisas sem que tivéssemos chegado a alguma conclusão sobre eles enquanto outros, alçados à primeira grandeza, passaram, sistematicamente, a reincidir. Conclui seu texto lembrando Bourdieu que, ao analisar os conflitos que ocorrem no campo, chama a atenção para o fato de que a redundância observada nos domínios mais consagrados é o preço do silêncio que paira sobre outros objetos (p. 18, 19).

O texto de Marisa Bittar tem um eixo interpretativo explícito: trata da produção do GT-HE, de 1985 a 2005, considerando sua inserção na sociedade brasileira, do ponto de vista do materialismo histórico.

Não gostaria de terminar esta síntese do balanço das atividades e da produção científica do GT-HE elaborado, com competência, pelos nossos colegas professores, pesquisadores e participantes ativos do GT, sem mencionar um texto que escrevi em 1997 e apresentei no 11º. COLE (Congresso de Leitura) realizado em julho daquele ano na UNICAMP, especialmente porque eu participava deste debate. Solicitada a falar sobre fontes de investigação em História da Educação, atribui ao texto que então escrevi uma dupla finalidade. Na primeira parte, apresentei os traços distintivos das principais correntes epistemológicas (positivismo, materialismo histórico, as novas abordagens) e as respectivas influências que exerciam em relação ao processo de produção do conhecimento histórico, em especial, no âmbito da educação. Em seguida, fiz uma breve exposição dos resultados de pesquisas que Nosella e eu havíamos realizado sobre instituições escolares. Apontava, nas conclusões que o desafio metodológico maior destas investigações era o de articular, adequadamente, alguns princípios teóricos gerais aos dados empíricos encontrados nos arquivos de antigas escolas. Indagávamos, então, se estávamos conseguindo captar nas particularidades de uma escola, características gerais da sociedade e da educação brasileiras, se estávamos conseguindo captar o clima cultural, o espírito da época, a partir do estudo de uma escola. Sabíamos àquela época, como sabemos hoje, que é relativamente fácil afirmar que o universal palpita no

particular, assim como é relativamente fácil encontrar tanto brilhantes estudos teóricos quanto estudos particulares que patinam no empírico. Também tínhamos consciência de que o desencanto pelas visões paradigmáticas bem como o fastio pelo pontualmente curioso nos levavam a enfrentar o enorme desafio. Tão simples, dizíamos, como amarrar o sino num tigre. Este texto foi publicado no número 12 do periódico *Série-Estudos*, em 2001.

3. A produção do GT de 2005 a 2013

É preciso agora completar o levantamento da produção do GT considerando o período mais recente com o objetivo de verificar os temas e referenciais mais recorrentes aquilatando continuidades e/ou descontinuidades em relação aos períodos anteriormente considerados pelos nossos autores. Para tanto, considereei a programação e os relatórios do GT de cada Reunião Anual e, quando possível, os resumos dos trabalhos apresentados.

28^a. Reunião Anual (2005) – foram apresentados 12 trabalhos, sendo 1 encomendado e 7 pôsteres. Nesta Reunião, foi apresentada a figura do debatedor dos trabalhos. Os temas foram os seguintes: intelectuais e educação, integralismo e ação católica, educação do corpo, educação escolar, infância, higiene e educação, cultura escolar, prática docente, livros e manuais escolares, infância, estado, igreja e educação. Trabalho encomendado: Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ) – História intelectual e história da educação. Foi realizada uma sessão especial sobre o tema: Campos de produção do conhecimento pedagógico, ensino e formação de professores, sob a responsabilidade de Margarida Louro Felgueiras (Universidade do Porto) e Denice Catani (USP). Cerca de 100 participantes.

29^a. Reunião Anual (2006) – foram apresentados 12 trabalhos, sendo um encomendado e 3 pôsteres. Os temas foram: escritas de professores e especialistas, manuais pedagógicos, financiamento da educação, cultura escolar, fotografia como objeto de pesquisa, educação para a diversidade, imprensa como fonte de pesquisa, arte de ensinar e modernidade, intelectuais e educação. Trabalho encomendado: História do livro e do livro didático, por Kazumi Munakata. Foram organizadas duas sessões especiais, uma sobre Cultura escrita e letramento com a participação de Anne-Marie Chartier (INRP) e Maria de Lourdes da Trindade Dionísio (Un. do Minho) e outra sobre Currículo e História com a participação de Ivor Goodson (Un. of Brighton) e Kasumi Munakata (PUC/SP). 90 participantes.

30^a. Reunião Anual (2007) - foram apresentados 11 trabalhos, sendo um encomendado e 16 pôsteres. Os temas presentes: manifestos e manifestantes na educação brasileira, ofício de ensinar, intelectuais e concepções de universidade, instituição escolar, periódicos, método lancasteriano, ensino religioso, escola nova, escola normal rural, feminização do magistério, culturas escolares (festas escolares), profissão docente, leituras de professoras, inserção da ginástica. Trabalho encomendado: *Annales: História e Ciências Sociais*. Duas sessões especiais foram realizadas. A primeira intitulada: *Escala de observação: possibilidades de pesquisa e relações entre educação, história e ciências sociais com a participação de Jacques Revel e Zaia Brandão (PUC-RJ)* e a segunda, *História da Educação do Negro no Brasil: perspectivas e limites*, por Maria Lúcia Rodrigues Muller (UFMT) e Cynthia Greive Veiga (UFMG). Cerca de 140 participantes, número dos mais expressivos.

31^a. Reunião Anual (2008) – Foram apresentados, além de 1 trabalho encomendado, outros 11 e 2 pôsteres. Os temas enfocados foram: escolarização da infância, espaço escolar, parque infantil, fontes estatísticas em história da educação. O trabalho encomendado teve por título: *Tendências atuais da História da Educação na América latina* por Silvina Gvirtz. O GT contou com 40 participantes. Juntamente com o GT Afro-brasileiros e Educação foi programada uma sessão especial que teve por título: *O oral e o escrito no processo de civilização da América Latina*. O tema foi sugerido em função da comemoração dos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil e da fundação da imprensa no país. Prevista a participação de Silvina Gvirtz e de Heloisa Villela, só a última participou, pois Gvirtz precisou retornar a Buenos Aires.

32^a. Reunião Anual (2009) – Foram apresentados 12 trabalhos, sendo 1 encomendado e 3 pôsteres. Os temas foram: educação medieval, missões protestantes e educação, práticas de leitura, formação de professores, infância, cultura escolar, instituições de ensino e espaço escolar, magistério secundário, inspeção escolar. O trabalho encomendado teve por título: *1759 – 2009: 250 anos de ensino público: contribuições para o estudo da educação no mundo luso-brasileiro*, por Thais Nívia de Lima e Fonseca (UFMG) e Tereza Maria Rolo Fachada Levy Cardoso (CEFET-RJ). Juntamente com o GT Estado e Política educacional foi realizada a sessão especial intitulada *Educação, República e Cidadania*, com os professores Jamil Cury (PUC/MG) e Marlos B. Mendes da Rocha (UFJF). Cerca de 120 participantes.

33^a. Reunião Anual (2010) – foram apresentados 11 trabalhos dos quais um encomendado e 2 pôsteres. Os temas foram: grupos de pesquisa em HE no Brasil,

impressos, educação libertária, práticas educativas, escola pública, ideias pedagógicas, instituição escolar, formação de professores, arte como princípio educativo. O trabalho encomendado: Cenários da História da Educação na Inglaterra foi proferido por Gary Mc Cullock da Universidade de Londres. Uma sessão especial foi organizada com os GTs. de Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação sobre Fundamentos da Educação: relação teoria e prática na formação do educador, com os professores Gary McCulloch, José Sergio Fonseca de Carvalho (USP), Luciane Maria Schindwein (UFSC) com Coordenação de Belmira Bueno (USP). A segunda sessão especial versou sobre Ética na conduta e nas políticas de pesquisa com os professores Luciano M. Faria Filho (UFMG) e Newton Duarte (UNESP/Araraquara) e coordenação de Nadja Hermann (PUC/RS). Cerca de 90 participantes.

34^a. Reunião Anual (2011 – Natal, RN) – foram apresentados 14 trabalhos, sendo 1 encomendado e 9 pôsteres. Os temas foram: escola compulsória na Inglaterra, história e historiografia, currículo: circulação de ideias e métodos de pesquisa, infância, cidade e educabilidade, produção didática, práticas culturais, obrigatoriedade do ensino primário, instituição escolar, docência, livro didático, cultura da escrita, impressos. O trabalho encomendado teve por título: Acervos e Museus escolares sob a responsabilidade de Francisco Régis Lopes Ramos (UFC). O tema relaciona-se com a sessão especial realizada juntamente com os GTs de Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação intitulada: Patrimônio e memória: a arte de guardar, com a participação de Maurício V. Ferreira Filho - Diretor do Museu Imperial de Petrópolis/RJ, Maria Cristina Menezes (UNICAMP) e coordenação de Maria Teresa Santos Cunha (UDESC, SC). Contou com 133 participantes.

35^a. Reunião Anual (2012 - Porto de Galinhas, PE) – foram apresentados 14 trabalhos, sendo 1 encomendado e 6 pôsteres. Os temas foram: livro didático, produção didática, LDB de 1961, ideário educacional, ensino escolar, escritas escolares, intelectuais, formação de professores, ensino agrícola, grupos escolares, regional e nacional. O trabalho encomendado intitulou-se Momentos e lugares do livro didático na História da Educação de autoria de Circe Maria Fernandes Bittencourt (PUC/SP). Em conjunto com o GT Sociologia da Educação foi organizada uma sessão especial intitulada As classes populares face às transformações da escola e do mundo do trabalho: itinerários profissionais e familiares, cujos conferencistas foram Jean-Pièrre Faguer da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris e David Vincent da

Open University, Londres. O debatedor foi César Paulo Carrano (UFF). Estiveram presentes 172 participantes.

36^a. Reunião Anual (2013- Goiânia, GO) – foram apresentados 12 trabalhos, sendo 1 encomendado e 6 pôsteres. Os temas foram: intelectuais, inspeção da instrução pública, história cultural, história comparada da educação, ensino da escrita, ensino ativo, grupos escolares, higiene e educação agrícola, história da profissão docente, escolarização e classificação racial, educação infantil, espaço escolar, coeducação e feminização do magistério, instituição escolar, utilização do rádio pelo MEB. O trabalho encomendado intitulou-se A disciplina História da Educação em debate cujos autores foram Silvia Finocchio (da Universidade de Buenos Aires) Décio Gatti (UFU) e Marisa Bittar (UFSCar). Juntamente com os GTs de Sociologia, Filosofia e Psicologia da Educação foi organizada uma Sessão Especial intitulada Relações entre a Filosofia, a História, a Psicologia e a Sociologia da Educação: tendências e perspectivas. Os conferencistas foram: Nadja Hermann (PUC/RS), Mirian Warde (UNESP), Zaia Brandão (PUC/RJ), Diana de Carvalho Carvalho (UFSC) e Kimi A. Tomizaki (USP) sob a coordenação de Pedro A. Pagni (UNESP/Marília). O GT contou com 157 participantes.

Em síntese, de 2005 a 2013, os temas mais frequentes foram os relativos a ideias pedagógicas de renomados autores, infância, educação escolar, variadas questões ligadas a professores, seja sua formação, atuação profissional, suas práticas, suas escritas, arte e ofício de ensinar, feminização do magistério, práticas educativas. Há temas ligados à instituição escolar, seu espaço, grupos escolares, escolas rurais. Com bastante frequência estão os temas ligados à cultura do impresso, manuais e livros didáticos, produção didática, escritas escolares, periódicos, leituras de professoras. Há, ainda, temas esparsos como financiamento da educação, inspeção escolar, educação libertária, história e historiografia, escola nova, ensino religioso etc. Também são usuais os estudos sobre as ideias pedagógicas de nossos grandes educadores, principalmente os ligados à Escola Nova, como Anísio Teixeira e outros. No período, quase desapareceram os estudos de gênero, muito frequentes nos anos 1990. A maioria absoluta dos temas refere-se à educação escolar. Os recortes dados aos temas, quase sempre são reduzidos no tempo e no espaço, uma das tristes marcas que o produtivismo reinante de uns tempos para cá imprimiu à pós-graduação.

Pelo que pude observar lendo os resumos dos trabalhos apresentados, quando isto foi possível, o período mais focalizado continua sendo o século XX, especialmente sua primeira metade.

Lendo apenas o resumo dos trabalhos apresentados é difícil perceber o referencial teórico utilizado. Muitos resumos sequer mencionam referências teóricas. Às vezes, é possível inferi-las, a partir da menção a algum autor ou a algum conceito mais marcado. Sem dúvida, a maioria dos trabalhos apresentados inscreve-se na órbita da denominada Nova história, francesa principalmente, da história cultural, da história das mentalidades.

Como se sabe, os trabalhos apresentados nos GTs são fruto da produção realizada nos Programas de pós-graduação pelos orientadores e orientandos que formam grupos de pesquisa, muitos deles indexados no Diretório do CNPq. A publicação de artigos de autoria de pós-graduandos e seus orientadores é estimulada pelos Programas e também pelas agências avaliadoras e de fomento. Trata-se, sem dúvida, de uma prática muito interessante e que permite compreender também a incidência de certos temas e referenciais teóricos no próprio GT. Ou seja, não estamos infensos a modismos e a coisas menos nobres diante do lema: “publique ou morra”.

Em suma, a lista dos temas e referências é extensa, variada, rica. Diante disto, resolvi atentar para os temas dos trabalhos encomendados para cada Reunião, porque estes poderiam revelar, quem sabe, menor dispersão, já que são pensados e propostos com antecedência e liberdade de escolha do tema e do autor. Infelizmente, não tive acesso a estes trabalhos, embora conheça muitos dos autores. Assim, de 2005 a 2013, os trabalhos encomendados pelo GT-HE centraram-se no debate dos seguintes temas: da História da Educação enquanto disciplina (2013), de suas relações com a história intelectual (2005), de suas relações com as ciências sociais e com a Escola dos *Annales* (2007), das tendências atuais da História da Educação na América Latina (2008), dos cenários da História da Educação na Inglaterra (2010). Dois trabalhos encomendados referiram-se ao livro didático (2006 e 2012), um relativo a fontes de investigação em acervos e museus escolares (2011) e outro sobre os 250 anos do ensino público no mundo luso-brasileiro (ligado ao tema escolhido para a Reunião da ANPEd) (2009). Chama minha atenção o fato de cinco dos trabalhos, num total de nove, discutirem a disciplina História da Educação, suas relações com as ciências sociais, suas tendências atuais e como ela vem sendo feita em outros países. Este debate não está concluído e, mais uma vez, revela-nos a importância do estudo das concepções de história, do

conhecimento de sistemas filosóficos, ou seja, de referenciais teórico-metodológicos preocupados com a totalidade, em que pese o importante investimento do GT no estudo de questões singulares, pontuais.

Enfim, foi surpreendente constatar a dupla atuação do GT, ao menos nos últimos 10 anos: enquanto os trabalhos selecionados (por meio de demanda espontânea, pareceres *ad hoc*, comitê científico) para serem apresentados nas reuniões incidiam majoritariamente sobre temas pontuais, referidos à história cultural, à nova história etc., os trabalhos encomendados tinham por objetivo o debate mais amplo sobre a própria história da educação e sua investigação. Surpreendente porque, pelos trabalhos apresentados, parecia que o debate teórico, quase que silenciado por certo tempo, digamos, na década de 1990, retornasse pelas mãos dos próprios dirigentes do GT. Além de surpreendente, muito auspicioso.

De fato, o debate sobre questões teóricas e metodológicas esteve sempre presente em várias instâncias, nos PPGEs e outras associações. No que se refere às relações entre o particular e o geral, há várias posições em jogo: há os que consideram que os estudos das particularidades escolares podem se tornar um beco sem saída porque, muito dificilmente, permitirão a compreensão da totalidade histórica. Assim, consideram tais estudos desperdício de tempo e energias. Outros, ao contrário, para quem a razão humana fracassou no entendimento da totalidade do real, defendem a necessidade de se dedicar ao estudo das particularidades em si mesmas. Há finalmente, os que, como nós, insistem na importância de explicitar a relação dialética entre o particular e o geral, isto é, o contexto econômico, político, social e cultural. (Nosella e Buffa, 2009, p. 72).

Os estudos sobre a produção do GT-HE nestes 30 anos de história revelam que sua contribuição para a consolidação do campo é inestimável. De uma disciplina que constava dos currículos das Escolas Normais e dos cursos de Pedagogia, com o objetivo principal de transmitir valores, de contribuir com a formação dos novos professores (o que, diga-se, não é nada desprezível), tornou-se, pelo esforço e dedicação de muitas pessoas um campo de investigações e produções conceituado, prestigiado. Aliás, um grupo de estudos e debates em educação que chega a comemorar 30 anos de existência é por si só motivo de júbilo, ainda mais num país em que a educação só é importante nos discursos, *flatus vocis*, mera emissão de voz.

Tais estudos revelam também que, passada a primeira infância, em que o GT procurava organizar-se, definir seus objetivos e ações, construir sua identidade, chegou-

se a um momento, desde o final do século XX em que, teoricamente, o GT foi marcado pela hegemonia da nova história: história em migalhas, história das mentalidades, da vida cotidiana, das mulheres, dos microacontecimentos educacionais. Enfim, eram os novos paradigmas contrapondo-se aos velhos, oriundos dos dois grandes sistemas filosóficos, cujo debate marcou o final do século XIX e início do século XX: o positivismo e o marxismo.

Neste período, que de certa forma ainda perdura, o GT enveredou pelo pluralismo epistemológico e temático, privilegiando o estudo de objetos singulares, os mais variados.

Quero crer que o auge desta fase já passou e os comentários que fiz sobre os trabalhos encomendados das 10 últimas reuniões constituem, suponho, um indicador de que alguma coisa se mexe no GT. Será que cansamos de narrativas sobre como se vestiam as crianças no século passado, que histórias liam, sobre o que as professoras primárias brasileiras escreviam em cartas e para quem as enviavam, sobre as lições dos livros didáticos, sobre as festas escolares, as músicas que cantavam as crianças? Enfim, memórias que sempre constituíram belo material para a literatura.

Conforme Nosella e eu assinalamos num texto de 2005, o aspecto positivo desta fase dos estudos históricos que marcou o campo da história da educação e do próprio GT é constituído pela ampliação das linhas de investigação, pela diversificação teórico-metodológica e pela utilização das mais variadas fontes de pesquisa. No entanto, para vários estudiosos, o que ocorre é, no fundo, uma fragmentação epistemológica e temática que dificulta a compreensão da totalidade do fenômeno educacional. Mais ainda, os críticos veem na chamada crise dos paradigmas, um movimento antimarxista e de abandono da perspectiva histórica. Notamos, neste mesmo artigo, que a fotografia de alunos descalços de uma escola profissional como a de uma aluna de grupo escolar, de uniforme azul e branco, numa escrivania, tendo ao lado, o globo terrestre, suscitam nos culturalistas o mesmo encantamento. Nenhuma indignação. (2005, p. 354 e 358).

Se retomo tais ideias, defendendo uma visão de totalidade da educação não é pelo puro prazer de polemizar. É que sinto uma enorme tristeza ao ver tanto esforço e dedicação, tantas energias dispendidas por tantos acadêmicos, a ponto, de muitas vezes, esquecerem suas próprias vidas pessoais, no quadro tão desolador do país e de sua educação. Afinal, estudar, pesquisar, escrever para quê?

EPÍLOGO

Platão, ao finalizar o décimo e último livro da República, conta o mito de Er, guerreiro morto no campo de batalha, que voltou à vida para relatar o que vira no Hades. Er testemunhou que os que haviam cumprido suas penas retornavam à terra, podendo escolher um modelo de vida, sendo que entre as ofertas existiam muitas armadilhas. Depois de feitas as escolhas, sorviam as águas do Lete, para esquecer sua existência anterior. Havia as que sorviam demais e se esqueciam de tudo. Havia almas, no entanto, que bebiam menos, como os filósofos e os poetas, guardadores do conhecimento e das memórias coletivas. (Sylvia Mello, 2010, p. 13).

Concluo este texto como comecei: mergulhando na mitologia, invocando deuses, musas, heróis, tentando ser comedida ao sorver as águas do Lete porque é preciso preservar as memórias coletivas. Desta feita, coube a mim fazê-lo, porque estava ali, naquele dia, naquela reunião que criou este Grupo. Poderia não estar. E se não estivesse ali, não estaria aqui. Felizmente, sou poeta!

Mas, para quem não gosta de mitologia nem de poesia, se é que existe alguém assim, cito Maquiavel que escreveu (com poesia): a história é feita de virtude e de fortuna.

São Carlos, julho de 2015

REFERÊNCIAS

BASTOS, M.H.C. Grupo de Trabalho História da Educação da ANPEd: uma breve história. Disponível em <HTTP://www.anped.org.br/grupos>

BITTAR, M. O estado da arte em história da educação brasileira após 1985: um campo em disputa. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M.I.M. (Org.). *Navegando pela história da educação*. Campinas: HISTEDBR, 2006. p. 1-24. Disponível em: <<http://www.histebr.fae.unicamp.br/navegando/index.html>>.

BUFFA, E. et alii - A educação como questão histórica. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, v.1, no. 1, 1985.

BUFFA, E. A questão das fontes de investigação em História da Educação. **Série-Estudos**, Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, no. 12, dezembro 2001, Campo Grande: UCDB. p.79-86.

CATANI, D.B. e FARIA FILHO, L.M. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas pelo GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, no. 19, jan. abril 2002. 21 p.

LOPES, E.M.T. História da educação ou educação pela história. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, v.1, no 1, 1985.

MELLO, S. **Apresentação** do livro de Buffa, E. Feira da Sucata e da Barganha. São Paulo: Casa Editora de Almeria, 2010.

NOSELLA, P. e BUFFA, E. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2009.

NOSELLA, P e BUFFA, E. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. *EccoS revista científica* - São Paulo, v. 7, n. 2, jul./dez. 2005. p. 351-368.

NUNES, C. (org). Diretrizes e Bases da Educação: o nacional e o regional na história da educação brasileira. **Cadernos ANPEd**. Nova fase., no. 2. 47 p.

VIDAL, D.G. e FARIA FILHO, L.M. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, vol.23, no.45, jul. 2003. 29 p.

WARDE, M.J.. Contribuições da história para a educação. **Em Aberto**, Brasília: INEP/MEC, ano 9, n. 47, jul./set. 1990. p. 3-11.

<HTTP://www.anped.org.br>

São Carlos, SP, julho de 2015